



Sociedade das Ciências Antigas

O DEFEITO CAPITAL DA ACÍDIA NA ANÁLISE DE SANTO TOMÁS DE AQUINO

PREGUIÇA OU ACÍDIA?

Se compararmos a doutrina dos sete defeitos capitais à dos dez mandamentos, verificaremos que aquela, ao contrário desta, não tem, ao longo da história, a fixidez em seu número e conteúdo: os defeitos capitais, em sua origem, eram oito e, de acordo com cada autor, a lista pode variar ligeiramente em um ou outro elemento.

O atual *Catecismo da Igreja Católica* apresenta como defeitos ou vícios capitais: soberba, avareza, inveja, ira, impureza, gula e preguiça ou acídia.

É bastante sugestiva, e mesmo intrigante, esta ambigüidade em relação ao sétimo defeito familiar a todos, preguiça ou a ilustre desconhecida, acídia...? Por que o *Catecismo* hesita entre preguiça ou acídia? Ou será que as toma como palavras sinônimas ou equivalentes?

Na verdade, parece que o *Catecismo* não quer, por um lado, propor como defeito capital um defeito - a acídia - do qual nunca ninguém ouviu falar; e, por outro, talvez tenha vergonha de alçar sem mais a, relativamente inofensiva, preguiça ao elevado posto de defeito capital.

A acídia é coisa séria, como se vê se anteciparmos desde já uma primeira aproximação da definição de acídia: a tristeza pelo bem espiritual; acidez, queimadura interior do homem que recusa os bens do espírito.

Desde sempre e, durante muitos séculos, essa tristeza foi considerada defeito capital. Modernamente, porém, e não por acaso, houve um esquecimento da acídia e sua substituição pela preguiça. Um autor tão autorizado como Pieper faz notar que não há conceito ético mais desvirtuado, mais notoriamente aburguesado na consciência cristã, do que o de acídia. E numa formulação forte, acrescenta: “O fato de que a preguiça esteja entre os defeitos capitais parece que é, por assim dizer, uma confirmação e sanção religiosa da ordem capitalista de trabalho. Ora, esta idéia é não só uma banalização e esvaziamento do conceito primário teológico-moral da acídia, mas até mesmo sua verdadeira inversão”.

OS DEFEITOS CAPITAIS: UMA ELABORAÇÃO DE PENSAMENTO SOBRE EXPERIÊNCIAS

Na enumeração primitiva de São Gregório Magno os defeitos capitais são: *inanis gloria, invidia, ira, tristitia, avaritia, uentris ingluies, luxuria*.

Enquanto os dez mandamentos estão enunciados na Bíblia, a doutrina dos defeitos capitais é uma elaboração de pensamento, que é fruto, como diz o novo *Catecismo da Igreja Católica*, da "experiência cristã".

Essa experiência é originariamente a dos padres do deserto, que, na radicalidade de sua proposta, foram realizando uma tomografia da alma humana e descobrindo, em suas profundezas, as possibilidades para o bem e para o mal.

Como num *rally* ou num enduro, em que as condições da máquina são exigidas em condições extremas, o monaquismo originário buscava testar os limites antropológicos, no corpo e no espírito (os limites do jejum, da vigília, da oração etc.). Nesse quadro, surgiu a doutrina dos defeitos capitais, que - como tantas outras descobertas dos antigos hoje esquecidas ou esvaziadas - bem poderia ajudar ao homem contemporâneo a orientar-se moral e existencialmente.

As primeiras tentativas de organizar essa experiência remontam a autores antigos como Evágrio Pôntico, João Cassiano e Gregório Magno, mas, somente séculos depois, encontramos uma brilhante consolidação em Sto. Tomás de Aquino (séc. XIII), que repensa - de modo amplo e sistemático - a antropologia subjacente aos vícios capitais.

Se o filosofar do Aquinate é sempre voltado para a experiência e para o fenômeno, mais do que em qualquer outro campo é quando ele trata dos vícios que seu pensamento mergulha no concreto, pois, citando o sábio Dionísio, "*malum autem contingit ex singularibus defectis*" - para conhecer o mal é necessário voltar-se para o fenômeno, para os modos concretos em que ele ocorre. Assim, é freqüente encontrarmos nas discussões de Santo Tomás sobre os vícios - para além da aparente estruturação escolástica - expressões de um forte empirismo como: "*Contingit autem ut in pluribus...*", que remete ao que realmente acontece na maioria dos casos...

Também para essa experiência e para essa concretude é que se voltam os trabalhos pioneiros de João Cassiano e de Gregório. Cassiano - é o homem que, em torno do ano 400, percorreu por longos anos os desertos do Oriente para recolher - em "reportagens" e entrevistas - as experiências radicais vividas pelos primeiros monges; também o papa Gregório (acertadamente cognominado *Magno*), cuja morte em 604 marca o fim do período patrístico, e não por acaso é um dos maiores gênios da pastoral de todos os tempos. E quem diz pastoral, diz experiência...

É interessante notar que precisamente com relação ao tema que nos interessa - a acídia - é que Cassiano, em entrevista com o abade Serapião, ressalta a força da experiência: "A tristeza e a acídia - ao contrário dos outros vícios de que falamos anteriormente - não costumam originar-se por uma motivação exterior. É sabido que com freqüência afligem amarissimamente os solitários que vivem no ermo, longe do convívio dos homens. Isto é verdadeiríssimo e quem quer que tenha vivido nesta solidão e tem experiência dos combates do homem interior, facilmente o comprova nessas mesmas experiências".

Os vícios capitais na enumeração de Santo Tomás são: vaidade, avareza, inveja, ira, luxúria, gula e acídia.

Um outro aspecto interessante está ligado ao próprio significado de vício *capital*. S. Tomás ensina que recebem este nome por derivar-se de *caput*: cabeça, líder, chefe (em italiano ainda hoje há a derivação: *capo*, *capo-Máfia*); sete poderosos chefões que comandam, que produzem outros vícios subordinados. Neste sentido, os vícios capitais são sete vícios especiais, que gozam de uma especial "liderança". O vício é uma restrição à autêntica liberdade e um condicionamento para agir mal.

A PALAVRA ACÍDIA NA OBRA DE SANTO TOMÁS

Sto. Tomás de Aquino emprega 233 vezes a palavra acídia; em 134 passagens de sua vasta obra. Em 6 passagens encontramos também a forma verbal *acedieris*, neste caso, sempre citando Eclesiástico 6, 25 "Curva teu ombro e carrega-a (a Sabedoria) e não 'acidies' em relação a suas cadeias".

Dessas 134 passagens, a grande maioria - 88 - reside nos dois momentos em que a acídia é tematicamente enfocada por Sto. Tomás: II-II q. 35 e *De malo* q. 11. De resto, encontramos 9 passagens nos *Comentários às Sentenças*; 24 em outras questões da *Suma Teológica*, 3 no *De*

Veritate; 5 em outras questões do *De Malo*; 1 no *In Job*; 2 na *Catena Aurea in Lucam*; 1 no *Super I ad Cor. I*; 1 no *In Ps.* e 1 no *Ad Titum*.

A ACÍDIA COMO TRISTEZA: ACÍDIA OU PREGUIÇA?

A gravidade da acídia já se nota na primeira aproximação do complexo conceito de acídia: a acídia é uma tristeza. E a tristeza não só é já em si mesma um mal, mas fonte de outros males. Daí que para explicar que a acídia pode ser vício capital, Santo Tomás argumenta: “Como já dissemos, vício capital é aquele do qual naturalmente procedem - a título de finalidade - outros vícios. E assim como os homens fazem muitas coisas por causa do prazer - para obtê-lo ou movidos pelo impulso do prazer - assim também fazem muitas coisas por causa da tristeza: para evitá-la ou arrastados pelo peso da tristeza. E esse tipo de tristeza, a acídia, é convenientemente situado como vício capital (II-II q. 35, a.4)”.

A acídia, como defeito capital, é a mesma e única base de duas atitudes contrárias: uma que leva à ação, ou melhor, a um ativismo (como veremos ao examinar as "filhas da acídia) e, por outro lado, a uma inação - e este é o momento - secundário, derivado - em que acídia e preguiça se ligam, embora sejam muitos mais importantes - sobretudo para a análise do homem contemporâneo - as filhas da acídia ligadas ao ativismo.

Se a tristeza da acídia pode levar à inação, leva também a uma inquietude, a uma ação desenfreada.

ACÍDIA E DEPRESSÃO. ALMA E CORPO

Ao caracterizar a acídia como uma tristeza (e, para Gregório, a própria tristeza era o defeito capital), abrem-se inúmeras dimensões antropológicas, com interfaces nem sempre claras e a questão adquire uma imensa complexidade: a tristeza pode (ou não) ser defeito, doença, estado de ânimo, atitude existencial..., ou combinações desses fatores.

Só com enunciar essas dimensões, já se mostra imediatamente a extrema atualidade deste tema. Por exemplo, Andrew Solomon, autor de um dos mais importantes livros sobre a "doença de nosso tempo", a depressão, incluiu a velha acídia no próprio título de sua obra: "*O demônio do meio-dia - uma anatomia da depressão*". O "demônio do meio-dia" é o da acídia.

Nesse sentido, comparemos as afirmações de Solomon com o que realmente diz Santo Tomás, precisamente em relação ao nosso tema, a tristeza, os remédios para a tristeza, que reside na alma. Sto. Tomás enfrenta esta questão na *Suma Teológica* I-II 38 e no artigo 5 chega a recomendar banho e sono como remédios contra a tristeza! Pois, diz o Aquinate, tudo aquilo que reconduz a natureza corporal a seu devido estado, tudo aquilo que causa prazer é remédio contra a tristeza. Sto. Tomás destrói assim a objeção "espiritualista":

De resto, para os remédios contra a tristeza, Santo Tomás não fala de Deus nem de Satã, mas sim recomenda: qualquer tipo de prazer, as lágrimas, a solidariedade dos amigos, a contemplação da verdade, banho e sono. E ainda sobre a interação alma-corpo, Sto. Tomás afirma em I-II, 37, 4: A tristeza é, entre todas as paixões da alma, a que mais causa dano ao corpo [...] E como a alma move naturalmente o corpo, uma mudança espiritual na alma é naturalmente causa de mudanças no corpo.

Quanto à melancolia, Sto. Tomás está longe de considerá-la uma exclusividade da "alma": Os melancólicos desejam com veemência os prazeres para expulsar a tristeza, porque o *corpo* deles se sente como que corroído pelo humor mau, como diz o Filósofo. Os melancólicos têm os *corpos* sempre incomodados pela má compleição...

ACÍDIA: TRISTEZA EM RELAÇÃO AOS BENS INTERIORES

Vamos examinar agora a caracterização que Santo Tomás faz da acídia, tristeza que é vício capital. Nada impede, porém, que alguns dos "sintomas" da acídia possam também surgir em casos de mera doença, sem alcance moral. E, reciprocamente, o diálogo com Sto. Tomás pode ser interessante para o estudioso de hoje, precisamente porque aponta para esse aspecto moral, tão esquecido.

Começemos pela caracterização geral da acídia, que Sto. Tomás faz no *De Malo*, a acídia é o tédio ou tristeza em relação aos bens interiores, ao bem espiritual divino em nós.

A acídia - como João Damasceno deixou claro (*De fide* II, 14) - é uma certa tristeza, daí que Gregório (*Mor.* 31, 45) por vezes empregue a palavra "tristeza" em lugar de "acídia". Ora, o objeto da tristeza é o mal presente, como diz João Damasceno (*De fide* II, 12). Assim como há um duplo bem - um que é verdadeiramente bem e outro que é um bem aparente, pelo fato de que é bom só segundo um determinado aspecto (pois só é verdadeiramente bem o que é bom independentemente deste ou daquele determinado aspecto particular) -, há também um duplo mal: o que é verdadeira e simplesmente mal e o mal relativo a um certo aspecto, mas que - para além desse particular aspecto - é, pura e simplesmente, bom.

Portanto, como são louváveis o amor, o desejo e o prazer referentes a um bem verdadeiro, e reprováveis, se referentes a um bem aparente, que não é verdadeiramente bem; assim também o ódio, o fastidio e a tristeza em relação ao mal verdadeiro são louváveis, mas em relação ao mal aparente (mas que em si mesmo é bom) são reprováveis e constituem defeito. Ora, a acídia é o tédio ou tristeza em relação aos bens interiores e aos bens do espírito, como diz Agostinho a propósito do Salmo (104, 18): "Para a sua alma, todo alimento é repugnante". E sendo os bens interiores e espirituais verdadeiros bens e só aparentemente podem ser considerados males (na medida em que contrariam os desejos carnis) é evidente que a acídia tem por si caráter de defeito. (*De Malo*, questão 11 - A acídia. Artigo 1 - "Se a acídia é defeito")

COMPLEMENTO SOBRE A ACÍDIA

Alguns aspectos complementares, mais ou menos importantes - extraídos de observações esparsas na obra de Santo Tomás, podem nos ajudar na compreensão deste defeito capital.

A acídia é uma possibilidade exclusiva do homem: o defeito dos anjos não pode ter sido o de acídia, porque o anjo não pode ter tédio em relação aos bens espirituais.

Em sua dimensão que produz inação, a acídia caracteriza-se pela veemência da tristeza, que imobiliza o homem, retardando a ação, daí que S. João Damasceno afirme ser uma tristeza agravante, pesada, isto é, paralisadora.

Há dois vícios capitais que são tristezas: acídia e inveja. A acídia é a tristeza pelo próprio bem espiritual; a inveja, pelo bem alheio.

A acídia - tal como os outros defeitos capitais - gera outros defeitos, mas isto não quer dizer que os defeitos não possam ter, por vezes, outras causas. Pode-se dizer, no entanto, que todos os defeitos que provêm da ignorância, podem recair na acídia, à qual pertence a negligência, pela qual se recusa a aquisição dos bens espirituais.

Sto. Tomás, ao comentar que alguns autores estabelecem uma correspondência entre os sete dons do Espírito Santo e os sete defeitos capitais, indica que o oposto da acídia seria o dom da fortaleza (In III Sent. d. 34, q. 1, a.2, c), o esforço por não se deixar dominar por essa acidez da alma.

Na ligação entre acídia e desespero, Santo Tomás faz uma observação psicológica: chega-se à situação de considerar que o bem árduo seja impossível de alcançar por si ou por outro, por meio de um profundo abatimento, que, quando chega a dominar o afeto do homem, parece-lhe que nunca mais poderá empreender algo de bom. E como a acídia é uma tristeza que abate o espírito, a acídia gera o desespero. Ora, a esperança tem por objeto *próprio* aquilo que é possível, pois o bem e o árduo, dizem respeito também a outras paixões. Daí que o desespero nasça especialmente da acídia.

E à objeção de que o desespero provém da negligência, Sto. Tomás responde que a própria negligência decorre da acídia. E observa que o homem triste não pensa em coisas grandes e belas, mas só em coisas tristes, a menos que por um grande esforço - lembremos que a acídia se opõe à fortaleza - afaste-se das coisas tristes.

A ACÍDIA TEMATICAMENTE TRATADA EM II-II, 35 (E EM *DE MALO*, 11)

Tanto a *Suma Teológica* (II-II, 35) como o *De Malo* (q. 11), há uma questão sobre a acídia, nos dois casos a argumentação é muito semelhante e inclusive essas questões estão divididas nos mesmos quatro artigos: a acídia como defeito, a acídia como vício especial, como defeito mortal e como vício capital. Neste tópico, tomaremos como base a *Summa*, complementando com o *De Malo*, quando for o caso.

ARTIGO 1, SE A ACÍDIA É DEFEITO. E A DIFICULDADE DE TER INICIATIVAS

A primeira objeção é a de que sendo a tristeza uma paixão, não é boa nem má. Em sua resposta, Sto. Tomás reafirma que a tristeza pelo bem, a acídia, e a tristeza demasiada pelo mal é que são más.

A segunda objeção é a de que não pode haver defeito que se deva à fraqueza corporal, defeito com hora marcada (a tentação do meio-dia). Sto. Tomás responde dizendo que "a culpa" do assédio da acídia ao meio-dia é do jejum dos monges, pois toda fraqueza corporal predispõe à tristeza, mais aguda nessa hora, pela fome e pelo calor. Sto. Tomás é tão "materialista", que nas questões de *Quodlibet*, tratando do jejum, dirá que o jejum é sem dúvida defeito (*absque dubio peccat*), quando debilita a natureza a ponto de impedir as ações devidas: que o pregador pregue, que o professor ensine, que o cantor cante..., que o marido tenha potência sexual para atender sua esposa! Quem assim se abstém de comer ou de dormir, oferece a Deus um holocausto, fruto de um roubo.

Uma outra observação interessante no corpo do artigo 1 da *Suma* é a de que o peso da tristeza da acídia de tal modo deprime o ânimo do homem, que nada do que ele faz o agrada; tal como as coisas ácidas, que são frias. Daí o tédio e a enorme dificuldade de começar qualquer ação e a caracterização da acídia como "torpor da mente em começar um ato bom". Tanto para a acídia como para a depressão, essa dificuldade para empreender, para começar, essa falta de "iniciativa" (não por acaso "iniciativa" vem de "iniciar", pois manifesta-se - bem o sabem os que passaram por depressão - até no ato de iniciar o dia, o banho. Ou, vejamos então o depoimento do livro de Solomon:

Lembro de estar deitado na cama, imobilizado, chorando por estar assustado demais para tomar banho, e ao mesmo tempo sabendo que chuveiros não são assustadores. Eu continuava dando os passos, um por um, na minha mente; você gira e põe os pés no chão; fica em pé; anda até o banheiro; abre a porta do banheiro; vai até a borda da banheira; abre a água; entra embaixo dela; passa sabonete; enxágua-se; sai da banheira; enxuga-se; volta para a cama. Doze passos, que me pareceram tão onerosos como as estações da via-crucis. Mas eu sabia, logicamente, que os banhos eram muito fáceis de tomar, que durante anos eu havia tomado uma ducha *todos os dias* e que o fizera tão rapidamente e tão prosaicamente que isso sequer era digno de um comentário. Etc. etc.

NO ARTIGO 2, STO. TOMÁS DISCUTE SE A ACÍDIA É VÍCIO ESPECIAL

Trata-se de trazer à tona a especificidade da acídia, pois todo qualquer vício se opõe ao bem espiritual. Distinguindo-a também da fuga do bem espiritual por considerá-lo trabalhoso, molesto ao corpo ou impeditivo dos prazeres corporais. A acídia se entristece do bem divino, que se alegra na caridade.

O ARTIGO 3 DISCUTE SE A ACÍDIA É DEFEITO MORTAL E A ATITUDE OPOSTA À ACÍDIA

A primeira objeção é interessantíssima: se a acídia fosse defeito mortal, chocaria de frente com algum mandamento da lei de Deus; mas percorrendo, um por um, os dez mandamentos vê-se que a acídia não se opõe a nenhum deles e, portanto não é defeito mortal. A resposta de Sto. Tomás - sugestivamente, sem maiores explicações - é que a acídia se opõe ao mandamento de guardar o sábado, que prescreve o repouso da mente em Deus.

Como é possível identificar preguiça e acídia, se esta opõe-se ao mandamento do repouso?!

Observemos mais de perto a formulação de Sto. Tomás: "...praecipitur **quies mentis** in Deo, cui contrariatur tristitia mentis de bono divino"

Neste sentido, é interessante observar que, para Sto. Tomás, essa *quies mentis* é a atitude de festa da alma, instalada na *skholé* (no sentido aristotélico) e fruindo da contemplação. Ao falar da vida contemplativa e de sua superioridade, a superioridade de Maria em relação a Marta, diz:

4. In vita contemplativa est homo magis sibi sufficiens, quia paucioribus ad eam indiget. unde dicitur Luc. X, "Martha, Martha, sollicita es et turbaris erga plurima. (...) 6 Vita contemplativa consistit in quadam vacatione et quiete, secundum illud Psalmi, "Vacate, et videte quoniam ego sum Deus". (II-II 182, 1)

E explicando o sentido da fala de Cristo "vinde e vede" (Jo 1, 39), de como se chega ao conhecimento de Deus, Sto. Tomás diz:

Per mentis quietem, *seu* vacationem; Ps. XLV, 11: 'Vacate, et videte'. (Super Ev. Io. cp 1 lc 15)

Esse salmo "*vacate, et videte quoniam ego sum Deus*" (*skholasate* na versão dos Setenta!) é citado dezenas de vezes por Sto. Tomás: como atitude típica do terceiro mandamento (In III Sent. d. 37 q. 1 a. 2bc; I-II, 100, 3 ad 2 etc.), o avesso da acídia. Não se trata somente de ausência de perturbações exteriores, mas também das interiores (II-II 181, 4 ad 1).

Ainda nesse artigo, a terceira objeção é também sugestiva: se a acídia - como diz Cassiano - é experimentada principalmente pelos varões perfeitos, pelos ascetas, então como pode ser defeito? Sto. Tomás responde dizendo que os santos estão sujeitos aos "sintomas" da acídia, não que consintam com essa tentação de repugnância pelos bens do espírito.

ARTIGO 4: AS FILHAS DA ACÍDIA

O artigo 4 é muito importante. Nele encontramos os desdobramentos da acídia, particularmente importantes para o homem de hoje:

Gregório (*Mor.* XXXI, 45) acertadamente indica as filhas da acídia. De fato, como diz o Filósofo (*Eth.* 7, 5-6, 1158 a 23): "ninguém pode permanecer por muito tempo em tristeza, sem prazer", e daí se seguem dois fatos: o homem é levado a afastar-se daquilo que o entristece e a buscar o que lhe agrada e aqueles que não conseguem encontrar as alegrias do espírito instalam-se nas do corpo (*Eth.*

10, 9, 1176 b 19). Assim, quando um homem foge da tristeza opera-se o seguinte processo: primeiro foge do que o entristece e, depois, chega a empreender uma luta contra o que gera a tristeza. Ora, no caso da acídia, em que se trata de bens espirituais, esses bens são fins e meios. A fuga do fim se dá pelo *desespero*. Já a fuga dos bens que conduzem ao fim dá-se pela *pusilanimidade*, que diz respeito aos bens árduos e que requerem deliberação, e pelo *torpor* em relação aos preceitos, no que se refere à lei comum. Por sua vez, a luta contra os bens do espírito que, pela acídia, entristecem, é *rancor*, no sentido de indignação, quando se refere aos homens que nos encaminham a eles; é *malícia*, quando se estende aos próprios bens espirituais, que a acídia leva a detestar. E quando, movido pela tristeza, um homem abandona o espírito e se instala nos prazeres exteriores, temos a *divagação da mente* pelo ilícito (...).

Já a classificação de Isidoro dos efeitos da acídia e da tristeza recai na de Gregório. Assim, a *amargura*, que Isidoro situa como proveniente da tristeza, é um certo efeito do *rancor*; a *ociosidade* e a *sonolência* reduzem-se ao torpor em relação aos preceitos: o ocioso os abandona e o sonolento os cumpre de modo negligente. Os outros cinco casos recaem na *divagação da mente*: é *importunitas mentis*, quando se refere ao abandono da torre do espírito para derramar-se no variado; no que diz respeito ao conhecimento, é *curiositas*; ao falar, *verbositas*; ao corpo, que não permanece num mesmo lugar, *inquietudo corporis* (é o caso em que os movimentos desordenados dos membros indicam a dispersão do espírito); ao perambular por diversos lugares, *instabilitas*, que também pode ser entendida como instabilidade de propósitos.

A primeira das filhas da acídia é o desespero. Este ponto foi especialmente analisado por Pieper (a quem sigo de perto neste parágrafo), que liga diretamente o desespero à outra filha da acídia: a pusilanimidade: paralisado pela vertigem, pelo medo das alturas espirituais e existenciais a que Deus o chama, a acídia não encontra ânimo nem vontade de ser tão grande como realmente está chamado a ser; abdica do "torna-te o que és", a famosa sentença com que Píndaro resume toda ética, que, como a de Sto. Tomás, está centrada no ser. Quando passamos ao plano da graça, a acídia é uma "*tristitia de bono spirituali in quantum est bonum divinum*" (II-II 35, 3), um aborrecer-se de que Deus o tenha elevado ao plano da filiação divina, à participação em sua própria vida íntima.

Queimado por essa tristeza - existencialmente suicida - e movido pela queimadura de sua acidez, surge a *evagatio mentis*, a dispersão de quem renunciou a seu centro interior e, portanto, entrega-se à *importunitas*: abandonar a torre do espírito, para derramar-se no variado, buscando afogar a sede na água salgada das compensações e prazeres de uma atividade desenfreada: num falatório inócuo, o agitar-se, o mover-se, a incapacidade de concentrar-se em um propósito e a um afã desordenado de sensações e de conhecimento.

A ACÍDIA E SUAS FILHAS NOS DIAS DE HOJE

Mesmo uma descrição breve das filhas da acídia, torna evidente seus perigos: o desenraizamento, a abdicação do processo de auto-realização profunda do eu, que passa a espalhar-se no variado etc. Se já Pascal, em um dos *Pensamentos* (136/139), afirma que toda a infelicidade do homem procede de uma única coisa: ele não poder estar a sós consigo mesmo em um quarto, hoje, mais do que nunca, essas possibilidades de dispersão estão disponíveis e encontram-se - potenciadas ao máximo - por toda parte.

Doença, defeito ou um misto de falta moral e enfermidade, o fato é que a tristeza é uma poderosa força destruidora, convidando a (ou impondo) diversas compulsões: das drogas ao jogo, do consumismo ao *workaholism*, etc. Por trás de tudo isto, não haverá um componente daquela *desperatio*, daquela *curiositas*, daquela *evagatio mentis*, daquela *instabilitas*?

AS FILHAS DA ACÍDIA. A CONTRIBUIÇÃO DE PIEPER

Quando se compreende o significado das filhas da acídia, vê-se imediatamente a enorme atualidade e o alcance existencial do tema. Lembremos que Gregório havia enumerado: desespero, pusilanimidade, torpor, rancor, malícia e divagação da mente. Quanto a esta última, Isidoro, por assim dizer, a desdobra em: *importunitas mentis, curiositas; verboritas; inquietudo corporis e instabilitas*.

ANEXO 1 - ÂCIDIA E CURIOSITAS - TEXTO DE JOSEF PIEPER

Há um desejo de ver que perverte o sentido original da visão e leva o próprio homem à desordem. O fim do sentido da vista é a percepção da realidade. A 'concupiscência dos olhos', porém, não quer perceber a realidade, mas ver. Agostinho diz que a avidez dos gulosos não é de saciar-se, mas de comer e saborear; e o mesmo se pode aplicar à *curiositas* e à 'concupiscência dos olhos'. A preocupação deste *ver* não é a de apreender e, fazendo-o, penetrar na verdade, mas a de se abandonar ao mundo, como diz Heidegger em seu *Ser e Tempo*. Sto. Tomás liga a *curiositas* à *evagatio mentis*, 'dissipação do espírito', que considera filha primogênita da acídia. E a acídia é aquela tristeza modorrenta do coração que não se julga capaz de realizar aquilo para que Deus criou o homem. Essa modorra mostra sempre sua face fúnebre, onde quer que o homem tente sacudir a ontológica e essencial nobreza de seu ser como pessoa e suas obrigações e sobretudo a nobreza de sua filiação divina: isto é, quando repudia seu verdadeiro ser! A acídia manifesta-se assim, diz Sto. Tomás, primeiramente na 'dissipação do espírito' (a sua segunda filha é o desespero e isto é muito elucidativo). A 'dissipação do espírito' manifesta-se, por sua vez, na tagarelice, na apetência indomável 'de sair da torre do espírito e derramar-se no variado', numa irrequietação interior, na inconstância da decisão e na volubilidade do caráter e, portanto, na insatisfação insaciável da *curiositas*.

A perversão da inclinação natural de conhecer em *curiositas* pode, conseqüentemente, ser algo mais do que uma confusão inofensiva à flor do ser humano. Pode ser o sinal de sua total esterilidade e desenraizamento. Pode significar que o homem perdeu a capacidade de habitar em si próprio; que ele, na fuga de si, avesso e entediado com a aridez de um interior queimado pelo desespero, procura, com angustioso egoísmo, em mil caminhos baldados, aquele bem que só a magnânima serenidade de um coração preparado para o sacrifício, portanto senhor de si, pode alcançar: a plenitude da existência, uma vida inteiramente vivida. E porque não há realmente vida na fonte profunda de sua essência, vai mendigando, como outra vez diz Heidegger, na 'curiosidade que nada deixa inexplorado', a garantia de uma fictícia 'vida intensamente vivida'.

FIM